



A experiência do jornal-laboratório Arrocha no curso de Jornalismo de Imperatriz (MA):¹

André Wallyson Ferreira da Silva²

Alexandre Zarate Maciel³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Criado no final de 2009 e com sua primeira publicação em agosto de 2010, o Jornal Arrocha é a publicação impressa laboratorial do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. O periódico tem como finalidade promover a convivência de futuros jornalistas com o cotidiano da produção, apuração, redação, edição e captação de notícias por meio de fotografias, diagramação de reportagens e distribuição de um jornal. Bem como proporcionar ao acadêmico percepção dos impactos provocados por esse veículo na comunidade na qual circula.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal-laboratório; jornal impresso; compromisso social; prática.

INTRODUÇÃO

“Arrocha é uma expressão típica da região tocantina e também um ritmo musical do Nordeste. Significa algo próximo ao popular ‘desembucha’. Mas lembra também ‘a rocha’, algo inabalável (...)”.⁴

O presente trabalho trata da produção de um jornal laboratório impresso, de periodicidade mensal, voltado à comunidade da região tocantina. O nome foi proposto por meio de votação e discussão entre acadêmicos e professores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, onde é produzido.

Proposto em dezembro de 2009 o Jornal Arrocha busca integrar visões diferenciadas e dinâmicas do fazer jornalístico, com o diálogo entre as disciplinas laboratoriais de Jornalismo Impresso, Fotojornalismo e Programação Visual.

Com questões que envolvem saúde, esporte, educação, saneamento básico, cultura, conflitos sociais e outras abordagens, o Arrocha, desde sua primeira edição, publicada em agosto de 2010, tem o propósito de ser temático e voltado para assuntos pertinentes à

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade jornal-laboratório (série).

² Acadêmico do 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA campus de Imperatriz (MA). E-mail: andre_wallyson@hotmail.com

³ Orientador do trabalho, professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA campus de Imperatriz (MA). E-mail: alexandremaciel2@gmail.com

⁴ Trecho publicado na primeira edição do jornal Arrocha, em agosto de 2010.



população de Imperatriz (MA) e seu entorno, que inclui cidades dos estados do Pará e Tocantins.

2- OBJETIVOS

A publicação pretende estimular a consciência crítica da população com um produto dinâmico, de leitura agradável e amplitude de temas. O periódico permite que os alunos lancem sobre a cidade um olhar, além dos muros da universidade, possibilitando o aprendizado de observar as realidades sociais em diversos ângulos da região onde poderão atuar futuramente. Os acadêmicos envolvidos buscam compreender, antes de cada edição, quais são as questões mais urgentes e que merecem abordagem sistêmica.

3- JUSTIFICATIVA

Vale acrescentar que em Imperatriz circulam hoje três jornais diários e um semanário, com equipes reduzidas e dependentes da informação de *releases* das assessorias locais, o que comprova a carência de apuração e reflexão na imprensa escrita local. Assim, o projeto propicia aos futuros jornalistas o reconhecimento de suas responsabilidades enquanto comunicadores sociais e abre um novo espaço de discussão e organização social por meio da criação de um veículo que pretende, também, suprir a necessidade da população de receber informação de qualidade.

Segundo Lopes (1989, p.17), o jornal-laboratório é instrumento fundamental nos curso de jornalismo. “O jornal-laboratório inicia a vivência dos futuros jornalistas como o cotidiano da edição, da captação da notícia à distribuição do jornal”. Lopes define jornal-laboratório como:

(...) um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e experimentação gráfica. (LOPES, 1989, p. 50)

O projeto atende as “Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Jornalismo”, documento elaborado em 2009 por uma comissão de especialistas designada pelo MEC para repensar o ensino, a extensão e a pesquisa na área em um novo cenário globalizado. Recomenda-se que os currículos devam prever a utilização de “(...) diferentes cenários de ensino-aprendizagem permitindo ao aluno conhecer e vivenciar situações variadas em equipes multiprofissionais” (artigo V, item 2, acesso em 08 maio 2010).



Assim, o Arrocha tem preparado os futuros redatores, editores, fotógrafos, repórteres, etc. para a vivência integral dos mecanismos de geração das notícias, contribuindo no ensino de um Jornalismo que se dá pela implantação de atividades práticas.

Outra proposta das diretrizes é que os Cursos de Jornalismo devem propiciar a interação permanente do acadêmico com as fontes, os profissionais e o público do jornalismo “desde o início de sua formação, estimulando o aluno a lidar com problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes, compatíveis com seu grau de autonomia” (artigo VI, item 2, acesso em 08 dezembro 2009).

Dessa forma, o Jornal Arrocha tem buscado integrar visões diferenciadas e dinâmicas do fazer jornalístico, tornando familiar aos estudantes do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da UFMA de Imperatriz, os processos de produção, métodos, técnicas, redação e edição, captação da notícia e distribuição do jornal e proporcionando o diálogo entre as disciplinas envolvidas.

A teoria aliada à prática tem possibilitado aos alunos uma formação com competência científica e técnica tornando o periódico um instrumento fundamental na iniciação da vivência jornalística dos futuros jornalistas.

Para Dirceu F. Lopes, “nesses veículos [órgãos laboratoriais], ao se fazer jornalismo, já estamos aplicando aquele conjunto de aptidões e atividades que a formação universitária deve desenvolver”. Assim, “o órgão laboratorial não é apenas prática, mas teoria-prática em movimento”. (1989, p. 36).

Procurando, com o jornalismo, resgatar a identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido, o Arrocha tem buscado, também, valorizar a cultura local por meio de reportagens que causem “sentimento de pertença” do indivíduo com a sua comunidade.

Segundo Lopes (2008, p.50) fazer jornal-laboratório não é um mero exercício escolar, nem apenas treinamento, “mas uma forma de começar a transformar o estudante em um profissional crítico, disposto a transformar e ajudar a melhorar um pouco a sociedade em que vive” e é assim que se tem praticado jornalismo no Arrocha. Reportagens construídas para a sociedade, de forma a levar um olhar crítico aos acadêmicos e aos leitores, instigando a busca de melhorias na comunidade.

Como afirma Chaparro (1984, p. 41), “o Jornalismo só adquire significado enquanto atividade de informação coletiva, na medida em que se estrutura a partir de necessidades existentes numa comunidade, numa sociedade, e busca atender a essas aspirações ou tenta influir na sua configuração”.



Devido à participação ativa, no que diz respeito a entrevistas e foco nos temas de interesse dos moradores de diversos bairros, o Jornal Arrocha possibilita aos acadêmicos conhecer as características da comunidade, exercendo a função de mediador, incluindo os representantes da sociedade na participação ativa da construção do produto.

De acordo com Melo (In: VIEIRA JR., 2002, p.35), uma das principais funções do jornal-laboratório está em “(...) criar um ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos, em situações práticas, vivenciadas pelos alunos, das quais os professores extraem evidências para explicar as teorias que embasam a profissão”. Para Vieira Jr. (2005, p.9), jornais-laboratório, são instrumentos pedagógicos com finalidade de futuramente “oferecer ao mercado um jornalista criativo, com capacidade de se comportar criticamente na atividade profissional e não apenas reproduzir mecanicamente o modelo vigente”.

4-DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O Arrocha nasceu da necessidade de um laboratório, onde os alunos do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz pudessem aplicar os conhecimentos adquiridos em diversas disciplinas ao longo de sua caminhada acadêmica.

O periódico, coordenado pelos professores Alexandre Maciel, Marco Antonio Gehlen e Marcus Túlio Lavarda, é produzido por cerca de 120 acadêmicos matriculados nas disciplinas laboratoriais de Jornalismo Impresso, Fotojornalismo e Programação Visual, cada uma com carga horária de 120 horas.

O jornal, que em 2010 foi bimestral e em 2011 será mensal, tem tiragem de três mil exemplares com 12 páginas. O material é impresso na gráfica da UFMA em São Luís e é distribuído gratuitamente nas principais praças da cidade, bem como bancas de revista, associações de bairro e escolas, além de órgãos públicos.

O periódico possui também uma versão digital em PDF, que pode ser visualizada no Imperatriz Notícias (www.imperatriznoticias.com.br), jornal laboratório online do Curso de Jornalismo, no link “Arrocha”, o que amplia as possibilidades de visibilidade e distribuição do produto.

Com páginas em preto e branco, no formato Germânico Francês, com adaptações, a publicação tem o propósito de ser temático e voltado para a comunidade, tratando de assuntos relevantes para população de Imperatriz (MA) e da região tocantina.



Composto por reportagens que fogem do factual, comum nas redações de grandes jornais, o Arrocha busca linguagem simplificada em textos atemporais, uma vez que de acordo com Edvaldo Pereira Lima, é importante transformar a atualidade em contemporaneidade:

Realidade não se prende ao fato do dia-a-dia, propõe sair da ocorrência para a permanência. Seus temas não são fatos isolados imediatos, mas sim a situação. O contexto em que esses fatos se dão. (LIMA, 2009, p. 226)

O primeiro número do jornal, por exemplo, foi produzido em fevereiro de 2010 com o tema “águas de Imperatriz” e publicado somente em agosto do mesmo ano. Nesta edição foram abordadas questões como: a precariedade do saneamento básico; a qualidade da água em bares e restaurantes; o descaso com os riachos e com o rio Tocantins, que recebem esgoto *in natura*; a vida dos pescadores e ribeirinhos; o ciclo das cheias e das chuvas intermitentes; uso da água no meio rural; desperdício no uso doméstico e até mesmo o símbolo da água nas religiões.

Supervisionadas pelos professores, já foram produzidas outras seis edições, sendo mais duas publicadas no ano de 2010. A segunda, publicada em outubro de 2010, tratou das “questões urbanas” e rendeu reportagens sobre: o trânsito e suas carroças, mototaxis e táxis-lotação; o desrespeito à Lei do Uso do Solo; o comércio formal e o informal; a explosão dos condomínios e prédios em contraste com a favelização; o Plano Diretor sub-júdice; o crescimento populacional; a acessibilidade prejudicada por uma série de obstáculos; as praças e novas obras para melhorar a infraestrutura de Imperatriz.

Já a terceira edição, publicada em dezembro de 2010, apresentou um panorama da música local com reportagens sobre a diversidade musical de Imperatriz; as influências que o sertanejo e o forró têm na região; a implementação do ensino de música nas escolas; a estrutura dos estúdios de gravação locais; a influência de outros estados na música regional; organização de eventos musicais; diversidade de ritmos nas rádios da cidade; preferências musicais da população de Imperatriz; relação da música com as religiões; cenário do rock na cidade; bares de músicas alternativas; o reggae e o preconceito musical; a luta do reconhecimento da música popular e erudita.

As outras quatro edições produzidas no segundo semestre de 2010 e com publicação prevista para o ano de 2011 tratam de religião, vícios e hábitos, sexualidade e os anônimos que fazem Imperatriz. No primeiro, as pautas abordam as mais diversas representações religiosas presentes na região; a assistência social prestada pelas igrejas; educação sistematizada em escolas religiosas; formação de líderes religiosos; festas e rituais; a



juventude nas igrejas; a música presente em cada denominação; entrevistas com estudiosos de religiões. Essa versão já está disponível no formato digital no site www.imperatriznoticias.com.br, bem como as três anteriores.

Na publicação sobre vícios e hábitos, serão abordadas pautas que envolvem vícios como o do cigarro, do álcool, em jogos, Internet, maconha, em remédios, na vaidade, no sexo, na tecnologia, no trabalho etc. Além disso, foram retratados hábitos comuns na cidade, como o de sentar na frente de casa com os vizinhos e uma entrevista com um profissional que explica a diferença entre vício e hábito.

O periódico que trata sobre sexualidade rendeu matérias sobre: Doenças Sexualmente Transmissíveis; os jovens e a 1º vez; virgindade; prostituição feminina e masculina; pedofilia; pornografia; mercado dos sex shop; violência e assédio sexual; gravidez na adolescência; masturbação; orgasmo.

Na edição que tem como tema os anônimos que fazem Imperatriz foram produzidas reportagens que retratam anônimos que fazem parte do cotidiano do esporte local, da saúde, da cultura, da segurança pública e privada, da culinária, do transporte e da limpeza. Foram ainda retratados personagens como pescadores, trabalhadores do comércio informal, empresários, artesãos, moradores de rua, um ex-presidiário, líderes comunitários, um dono de banca de revistas, comerciantes e até mesmo uma criança. Vale ressaltar que são privilegiados o olhar regional, a humanização das fontes e a busca dos anônimos, sem esquecer de ouvir o outro lado.

5- MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de produção do Arrocha se inicia na reunião de pauta, oportunidade de exercitar, em conjunto com os alunos matriculados na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, a identificação e o reconhecimento da relevância e do interesse público entre os temas regionais da atualidade. É nesta reunião que é feita a definição do assunto em torno do qual o trabalho será desenvolvido, com sugestões trazidas pelo professor e pelos acadêmicos.

São pensados vários temas onde são eleitos quatro principais para serem trabalhados nos quatro jornais daquele semestre. Depois, cada tema é desdobrado em 20 pautas e mais uma ou duas entrevistas centrais, o que exercita o olhar sistêmico. Em seguida, são colocadas no papel as ideias de ângulos de abordagem de cada pauta e os alunos participam de uma reunião de pauta, em que um ajuda outro com sugestão de fontes. O mesmo acontece em Fotojornalismo, onde é feita a reunião de pauta para pensar o olhar fotográfico.



Após a divisão e discussão dos temas a serem trabalhados naquele semestre, são organizadas a distribuição e uma nova discussão das pautas, desta vez com a participação dos estudantes das disciplinas de Jornalismo Impresso, Fotojornalismo e Programação Visual, que no final formam equipes compostas por repórteres, fotógrafos e diagramadores. Uma vez distribuídas as pautas, os acadêmicos seguem a campo, em grupos ou duplas, para apurar, entrevistar, observar e iniciar os primeiros contatos entre os repórteres e as suas fontes. Essa atividade possibilita ao aluno o estímulo de aprender a pesquisar, selecionar e analisar informações em qualquer campo de conhecimento específico.

É ainda nesta fase que os acadêmicos da disciplina de Fotojornalismo, em companhia do repórter de Jornalismo Impresso seguem com a câmera da marca Nikon modelo D200, disponibilizada pelo laboratório do curso, para fazer os registros de imagens para a pauta. Na sequência, são redigidos os textos pelos repórteres, que marcados por diversos fatores, traçam uma interpretação da realidade. Escritas, as reportagens são levadas ao Laboratório de Multimídia, um dos espaços com 35 computadores disponibilizados pelo curso, onde o professor e todos os alunos da turma lêem o que foi produzido, com a liberdade para correção e reflexão coletiva dos textos. Fundamentais nesse processo, as correções coletivas e abertas possibilitam que sejam compartilhados os erros e acertos dos alunos.

Todo esse processo é cumprido com base no calendário definido no início das disciplinas, para que as turmas tenham cuidado especial com o *deadline*, os prazos, fundamentais para o exercício do jornalismo. Para melhor aprofundamento de algumas reportagens, os acadêmicos voltam a campo e a partir das considerações feitas em sala pelo professor e os outros alunos são feitas, pelo repórter, as alterações sugeridas.

Após a correção coletiva, são escolhidas as fotografias que mais se encaixam nas reportagens, que não recebem alteração de elementos, mas são ajustadas de forma que melhorem a impressão. Em seguida, entram em cena os acadêmicos de Planejamento Visual, fazendo a sugestão de diagramação para cada página que depois será sistematizada e corrigida pelo professor.

Nesta fase, o jornal volta diagramado para a sala de Jornalismo Impresso, onde o professor estimula que todos façam títulos, legendas e fios já no *in design*, programa utilizado para a diagramação do impresso. Depois de concluído o trabalho, é verificada coletivamente a realização dos processos anteriores e material é enviado para a gráfica da UFMA, em São Luís, que faz a impressão da média de três mil exemplares por edição.



De volta ao campus de Imperatriz, o material impresso é coletivamente dobrado e separado, e em seguida são organizados mutirões para distribuir o jornal em lugares estratégicos, como praças, aeroporto, rodoviária, bancas de jornal, escolas, associações, sindicatos, universidades, instituições públicas e privadas e bairros.

O periódico tem despertado curiosidade na população e influenciado nas pautas da mídia local. O surgimento do jornal Arrocha possibilitou a população contasse com um modelo de imprensa composto por grandes reportagens sobre temas pertinentes a comunidade. Este foi um dos motivos que fez com que, desde outubro de 2010, a professora de geografia da Escola Municipal Madalena de Canossa, Kátia Cabral, utilizasse o periódico como material didático. De acordo com a matéria publicada no site oficial da Universidade Federal do Maranhão:

As crianças gostaram tanto da proposta que até pensam em criar um jornal próprio, inspirado na publicação acadêmica. (...) Foram justamente essas temáticas que levaram a Escola Municipal Madalena de Canossa a usar o jornal como material de apoio. *“O Arrocha é ideal para se trabalhar em sala por ter uma linguagem simples. Os temas proporcionam ótimas discussões e despertam nos estudantes o interesse por problemas macros, porém, em um contexto regional. A segunda edição ‘Reflexões Urbanas’ foi a mais polêmica, pois mostrou a realidade deles de uma forma crítica”*, destacou a professora Kátia. (FIGUEIREDO, acesso em 06 de abril de 2011)

6-CONSIDERAÇÕES

A produção laboratorial tem como finalidade, ser um espaço de aprendizagem e de aprimoramento do senso crítico. O fato de os futuros jornalistas acompanharem cada uma das etapas da produção de um periódico tem contribuído para ampliar suas perspectivas. O acadêmico toma conhecimento de todo o processo, que vai da sugestão de pauta, passa pela produção do texto e seleção de imagens, e vai até a correção coletiva e distribuição do jornal.

A participação dos estudantes em um processo que simula a produção de um jornal impresso exercita a observação de diversos ângulos de um mesmo fato, o olhar fotográfico e a visão de diagramação em uma ação interdisciplinar. Essa atividade tem possibilitado aos acadêmicos que seja colocado em prática todo o conhecimento adquirido ao longo do curso. Em outras palavras, significa dizer que o Jornal Arrocha serve como experiência multidisciplinar e com eficiência na formação do acadêmico ético e preocupado com as questões comunitárias e sociais.

Esta vivência em sucessivas edições, com participação na elaboração de todas as etapas de um jornal impresso, tem contribuído ainda na formação do espírito de equipe e



aprofundamento das relações entre as disciplinas, além de permitir que projetos futuros de produtos autônomos nessa área possam ser criados.

O Arrocha tem compromisso com grandes temas que refletem anônimos e outras vozes, e tem proporcionado alguns êxitos, conforme discutimos aqui, e levado consciência crítica a comunidade, que também se aprimora por estar diante de um veículo que discute com amplitude suas principais questões.

Ao ver a sua cidade e problemáticas interpretadas nas reportagens e fotografias, organizadas por uma diagramação que facilita a leitura e que traz a reflexão sistêmica, os leitores passam a fazer parte da chamada construção social da realidade, tendo assim a oportunidade de perceber que são notícia, que o seu bairro tem algo para mostrar ou um veículo para reivindicar seus direitos.

7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROCHA, n° 01, edição de agosto de 2010
Carta do 1º Encontro dos jornais-laboratório dos cursos de Jornalismo de Santa Catarina, 2004, Palhoça. Palhoça: Unisul, 2004.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.
Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Fenaj: 2007. www.fenaj.org.br, nos links “assessoria jurídica” e “Legislações sobre a profissão dos jornalistas”, acesso em 8 de maio de 2010.
- FIGUEIREDO, Kalyne. **Jornal Arrocha é usado como material didático em Escola Municipal de Imperatriz**. 2011, in: <http://www.ufma.br/noticias/noticias.php?cod=10445>. Acesso em 06 de abril de 2011.
- LOPES, Dirceu Fernandes. *Muito além do treinamento*. São Paulo: Primeira Impressão, novembro 2006, p.2, ed.88.
- LOPES, Dirceu Fernando. *Jornal-laboratório – Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989.
- MELO, José Marques de. In: VIEIRA JUNIOR, Antonio. *Uma pedagogia para o jornal-laboratório*. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
Novas Diretrizes para os cursos de Jornalismo. On-line, http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf acesso em: 8 de dezembro de 2009.
- OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. *Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo*. Trabalho apresentado no GT Produção Laboratorial – Impressos do IX Encontro do FNPJ – 2006. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rebej/article/view/3950/3708> Acesso em: 8 de maio de 2010
- VARÃO, Rafiza ; SOUSA, J. K. L. L. . *Recriando o jornal-laboratório: uma experiência metodológica e editorial diferente*. In: Intercom, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1393-2.pdf> -> Acesso em: 8 de maio de 2010.



VIEIRA Junior, Antônio. *Uma pedagogia para o jornal-laboratório*. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZANOTTI, C. A. *Saiba+ : Reflexões de uma experiência em jornal laboratório*. In: 3o Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, 2007, Piracicaba. Formação do Jornalista e Mercado, 2007. Disponível em: < www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=127&cf=7>
Acesso em: 8 de maio de 2010.